

Fracasso

Texto em português · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: "**Failure**". Texto disponível na íntegra em: [/failure](#).

Sou cristão há mais de trinta anos. Acredito que, em minha vivência cristã, frequentei milhares de cultos na igreja, centenas de reuniões na capela no Wheaton College, e um grande número de reuniões cristãs em retiros, conferências, e assim por diante, promovidas pela Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo e por outros grupos. Todavia, durante esse período todo, nem uma vez sequer — nem uma única vez nas milhares de reuniões nos trinta anos — ouvi um orador falar sobre a questão do fracasso. Na verdade, é bem provável que eu mesmo não teria refletido seriamente sobre esse tópico se não tivesse passado por um fracasso esmagador que me levou a enfrentar o problema pessoalmente.

O fato de oradores cristãos não tratarem desse assunto não significa que ele não tenha importância. Qualquer cristão que fracassou alguma vez sabe quão devastadora a experiência pode ser e quais questões ela suscita: *Onde está Deus? Como ele deixou isso acontecer? Estou fora da sua vontade? O que faço agora? Deus realmente se preocupa, ele existe?* São questões angustiantes. Qual é o significado do fracasso para um cristão?

Ao falar desse problema, parece-me que precisamos, primeiro, distinguir dois tipos de fracasso: *fracasso na vida cristã* e *fracasso na vida de um cristão*. Por fracasso na vida cristã, quero dizer um fracasso no relacionamento e no andar com Deus que um crente pode ter. Por exemplo, um cristão pode experimentar desapontamento e fracasso devido a uma recusa em atender ao chamado de Deus, ou por sucumbir à tentação, ou por se casar com uma pessoa não cristã. Um fracasso desse tipo ocorre devido ao pecado. É essencialmente um problema espiritual, uma questão de fracasso moral e espiritual.

Por contraste, o fracasso na vida de um cristão não está relacionado a considerações espirituais. Ele não ocorre devido ao pecado na vida de um crente. É apenas a derrota de uma pessoa, cujo propósito é a aquisição de experiências cristãs na vida diária. Por exemplo, um homem de negócios cristão poderia ir à falência, um atleta cristão poderia ver seus sonhos de infância destruídos quando fracassa na tentativa de se tornar profissional, um estudante cristão poderia ser jubilado na escola a despeito de seus melhores esforços por ter sucesso, ou um trabalhador cristão poderia ver-se desempregado e incapaz de encontrar trabalho. Tais casos não são casos de fracasso no andar de uma pessoa com Deus, mas exemplos de falha no curso normal da vida, falhas que acontecem também na vida de pessoas que são cristãs.

Em seu livro mais vendido, *Failure: the back door to success* [Fracasso: a porta dos fundos para o sucesso], Erwin Lutzer discute a distinção que tenho tentado estabelecer aqui. Ele atribui o fracasso na vida cristã à concupiscência da carne (satisfação sexual), à soberba da vida (egoísmo) ou à concupiscência dos olhos (cobiça). O fracasso na vida de um cristão, que não esteja relacionado a esses elementos, é apenas parte da vida. Lutzer não vê nenhuma dificuldade específica com o segundo tipo de fracasso, mas vê a primeira espécie de fracasso como problemática. Ele escreve:

O que causa o fracasso? O que faz um homem chegar ao final de sua vida e admitir que viveu em vão? O que motiva um homem a cometer suicídio por não ser tão dotado quanto os outros?... O que faz um homem pôr em perigo seu testemunho cristão e ter um caso com a esposa do vizinho? A resposta: Pecado — especificamente o orgulho, a cobiça ou o desejo sexual.

Naturalmente, há fracassos sem relação alguma com motivações pecaminosas: um estudante poderia fracassar na escola, um homem poderia fazer um investimento infeliz. Muitas pessoas têm fracassado em seus empregos ou simplesmente não atingem suas metas. Não deveríamos minimizar esse tipo de fracasso, mas com o tempo não é tão sério como o fracasso espiritual. [1]

Lutzer dedica a totalidade do seu livro ao fracasso na vida cristã, primeiro tipo de fracasso, porque acredita que esse tipo de fracasso tem consequências mais sérias do que o segundo tipo. Num sentido, isso é verdadeiro: uma pessoa é moralmente culpada por fracasso devido ao pecado. O fracasso na vida cristã rompe a comunhão de uma pessoa com Deus e tem consequências eternas. Precisamos confessar esse tipo de fracasso a Deus, ou nós seremos considerados responsáveis e julgados por causa dele. Assim, num sentido supremo, as consequências do fracasso na vida cristã são mais sérias do que os fracassos comuns que acontecem em nossa vida.

Por outro lado, em termos de consequências no mundo em que vivemos, não é sempre verdade que o primeiro tipo de fracasso tem consequências mais sérias. Afinal, se não sabemos como responder devidamente a ele, o fracasso na vida de um cristão pode ser até mais devastador do que o fracasso que acontece especificamente por causa do nosso pecado.

Não tenho nenhuma dificuldade específica em entender o fracasso na vida cristã. Naturalmente, o pecado conduz ao fracasso! O que mais poderíamos esperar? Nem é difícil entender a solução para esse tipo de fracasso: arrependimento, confissão, fé e obediência. Assim, não vejo o fracasso na vida cristã como um quebra-cabeça, especialmente quando reflito sobre a fraqueza de minha própria carne. Não é surpreendente que pequemos e fracassemos.

Contudo, o segundo tipo de fracasso é problemático para mim. Se alguém tem andado em fé e obediência ao Senhor, como pode essa pessoa ser levada ao abismo do fracasso? De fato, isso é enigmático. Por esse motivo, quero focar nossa atenção nesse segundo tipo de fracasso, o fracasso na vida de um cristão, e ver se conseguimos entendê-lo.

Por muitos anos, tinha o ponto de vista de que os cristãos que andavam na vontade de Deus basicamente não poderiam fracassar. Talvez fosse apenas ingênuo em excesso, mas não creio assim. Havia refletido muito sobre a questão e tinha até modificado minha posição em diversos pontos importantes. Por exemplo, eu distinguia fracasso de perseguição. A Escritura é clara ao afirmar que aqueles que tentam viver piedosamente suas vidas em Cristo Jesus experimentarão, por causa disso, perseguição. Mas Jesus também disse que eles seriam bem-aventurados por isso (ver 2Tm 3.12; Mt 5.10-12). Não se pode dizer que tenham falhado os cristãos que morreram nos campos de concentração por causa de sua fé, ou que perderam empregos, ou que foram discriminados porque eram cristãos.

Também distinguia fracasso de provações. A Escritura é clara em afirmar que, como cristãos, não estamos isentos de provações e que tal teste produz maturidade e resignação. Sem as provações, nós permaneceríamos filhos mimados e mal-acostumados. No entanto, acreditava que, se suportássemos as nossas provações com confiança na força de Deus, ele nos daria suporte e nos traria em vitória para o outro

lado. Para mim, basicamente, não tinha sentido algum dizer que Deus chamaria uma pessoa para fazer alguma coisa e, depois — quando essa pessoa fosse obediente ao chamado e estivesse confiando na força de Deus —, permitiria seu fracasso.

Na verdade, há, de certa forma, base escriturística para a posição que assumia. Olhe para o que o Salmo 1.1-3 diz:

Bem-aventurado aquele que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores; pelo contrário, seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita dia e noite. Ele será como a árvore plantada junto às correntes de águas, que dá seu fruto no tempo certo e cuja folhagem não murcha. Tudo que ele fizer prosperará.

O que poderia ser mais claro? Em tudo o que faz, prospera! Entretanto, vivenciei um fracasso pessoal desastroso que me forçou a repensar toda essa questão. O fato ocorreu quando Jan e eu estávamos morando na Alemanha. Estava terminando meus estudos de doutorado em teologia na Universidade de Munique, sob a orientação do famoso teólogo Wolfhart Pannenberg. Minha dissertação já havia sido aprovada, e tudo que restava era passar no exame oral em teologia (assustadoramente chamado de *Rigorosum*). Não sabendo o que esperar, tentei repetidamente obter uma entrevista com Pannenberg para discutir sobre o exame e como deveria me preparar para ele. Mas nunca consegui encontrá-lo (professores alemães tendem a ser muito mais reservados do que os professores americanos). Assim, procurei seu professor assistente, um jovem teólogo brilhante que tinha conseguido seu doutorado sob a orientação de Pannenberg. Ele deixou de lado a ideia de me preparar para o exame. “Esqueça!”, ele aconselhou. Bem, eu não era tão tolo, por isso posteriormente o pressionei sobre como deveria me preparar. “Pannenberg sempre faz perguntas somente sobre os seus próprios escritos”, ele respondeu. “Apenas leia o que ele tem escrito”.

Isso me parecia ser uma boa estratégia, e, assim, nas semanas seguintes, li e estudei praticamente tudo o que Pannenberg já tinha escrito. Senti a confiança de que tinha dominado o pensamento dele.

No dia do exame, entrei no escritório de Pannenberg. Ele próprio aplicaria o exame, e o processo deveria ser monitorado e gravado pelo deão da faculdade de teologia, bem como por outro professor de teologia. Trocamos apertos de mãos e nos sentamos para o começo das perguntas.

Logo de cara as coisas começaram a dar errado. Pannenberg começou a fazer perguntas sobre assuntos que não foram discutidos em seus escritos. Começou a perguntar a respeito de particularidades desta ou daquela teologia, e não pude responder às perguntas. Por várias vezes, tive de confessar a minha ignorância. Não dá para explicar o sentimento de impotência e temor que me sobrevieram naquele instante. Pergunta após pergunta, percebi que estava vendo meu doutorado escapular do meu controle — do mesmo modo que se tenta segurar algo que se escapa pelos dedos. Não havia nada que pudesse fazer para segurar. Essa tortura durou cerca de uma hora. Próximo do fim do exame, exatamente para deixar meu fracasso patente diante todos, com condescendência, Pannenberg me fez algumas perguntas fáceis, como se tivesse descido ao meu nível de conhecimento. Total humilhação.

Arrasado, deixei o departamento de teologia para me encontrar com Jan e saímos para jantar num restaurante, onde nós havíamos planejado celebrar o bom êxito no exame. Ela se aproximou de mim, sorrindo, com um olhar de expectativa em seus olhos. “Querida, fracassei”, lhe disse. Ela não podia crer. Estávamos a alguns dias do Natal e, no dia vinte e três, tínhamos planejado voltar para os Estados Unidos para visitar minha família e começar a lecionar no Trinity Evangelical Divinity School, na cidade

Deerfield, Illinois. Agora, estávamos indo para casa, derrotados. E para piorar ainda mais a situação, no voo de volta, a Lufthansa perdeu a nossa máquina de escrever da IBM, a bolsa de mão de Jan onde ela tinha colocado os seus objetos pessoais mais valiosos foi roubada, e perdi minhas duas lentes de contato!

No entanto, essas perdas materiais não se comparavam em nada ao turbilhão que senti interiormente em relação à perda de meu doutorado. Não conseguia assimilar como Deus podia ter permitido isso acontecer. Ele nos tinha levado para a Alemanha e miraculosamente suprido as finanças para o meu estudo. Andávamos em sua vontade, e estava certo disso. Não havia sido negligente ou confiante em excesso. Com frequência, anteriormente, tinha tentado me encontrar com Pannenberg, mas ele estava sempre muito ocupado para mim, assim me preparei da melhor forma que podia. Contudo, em especial, tínhamos orado com muita sinceridade e com fidelidade para o exame, e havia outros cristãos cheios do Espírito nos Estados Unidos, orando por isso também. O exame tinha sido inteiramente justo, não podia negar que tinha falhado. Isso era tudo. Mas como Deus tinha deixado isso acontecer? O que dizer de suas promessas? “Tudo o que ele faz prospera”, ou “O que vocês pedirem em meu nome...”.

Não era justo ter fracassado no exame. Mais que isso, meu fracasso era uma crise espiritual de fé para mim. Senti-me ferido e desgraçado, mas o pior foi ter me sentido traído por Deus. Como poderia confiar nele outra vez?

Enquanto trabalhava com meus sentimentos nos dias seguintes, tornou-se claro para mim que o Salmo 1.1-3 não poderia ser construído como alguma espécie de promessa que abrangesse cada caso. Os cristãos nem sempre prosperam naquilo que eles empreendem. Algumas vezes, eles realmente fracassam, e isso é apenas um fato.

Ora, alguém poderia dizer: “Você não pode usar a experiência humana para anular a Palavra de Deus! Suas promessas permanecem a despeito de sua experiência”. Mas o problema com essa resposta é que a própria Escritura dá exemplos de tais fracassos. Por exemplo, Deus prometeu dar a terra de Canaã às doze tribos de Israel. Mas, em Juízes 1.19, lemos que “O Senhor estava com Judá, e assim Judá ocupou a região montanhosa; mas não conseguiu expulsar os habitantes dos vales, pois eles tinham carros de guerra feitos de ferro”. Olhe para o que ele diz aqui: “*O Senhor estava com os exércitos de Judá* — mas, a despeito desse fato, embora conquistassem a terra, eles fracassaram em derrotar o inimigo deles nas planícies, por causa dos carros de guerra feitos de ferro que possuíam! Isto não parece fazer sentido: Deus estava com eles, e, todavia, fracassaram. Como devemos entender tal fracasso na vida do cristão?

Agora, algumas pessoas poderiam responder a essa questão alegando que Deus não tem nenhuma vontade específica para as nossas vidas. A vontade de Deus é seu desejo geral de que nós obedecemos a seus mandamentos éticos e espirituais, que nos moldemos ao caráter de Cristo, e assim por diante. Entretanto, ele não tem nenhuma vontade específica para pessoas individuais que inclua coisas como obter um doutorado, casar com uma pessoa específica, ou entrar num negócio específico. Assim, a decisão de fazer tais coisas é produto de nossa própria iniciativa, o que pode resultar em fracasso.

Contudo, apesar de seu aparente apelo a muitas pessoas, essa solução me soa inadequada. Em primeiro lugar, ela implica um conceito deficiente da soberania, providência e orientação de Deus. Embora a Bíblia ensine sobre a liberdade humana, ela também apresenta uma forte ênfase sobre o controle soberano de Deus, e sua direção providencial sobre cada coisa que acontece. Nada acontece no mundo sem a vontade diretiva de Deus, ou sem, ao menos, no caso de atos pecaminosos, sua permissão. Além do mais, Deus tem ordenado tão providencialmente o mundo que seus fins serão realizados pelas coisas que decidimos

empreender. As nossas decisões, então, não podem ser uma questão de indiferença para ele. Além disso, ele tem prometido nos guiar no que decidirmos. Tudo isso sugere que Deus realmente tem uma vontade específica para nossas vidas.

Mas, deixando de lado esse ponto, em segundo lugar, essa solução proposta realmente não chega ao cerne do problema. Afinal, mesmo que Deus não tenha uma vontade específica para nossas vidas, permanece o fato de que ele prometeu estar conosco, dando-nos poder e ajudando-nos. Essa é a razão pela qual o exemplo em Juízes é tão enigmático. O Senhor estava com eles, mas ainda assim eles fracassaram. Dessa forma, mesmo que Deus não tenha nenhuma vontade específica para nossas vidas, isso ainda não explica como nós fracassamos em coisas que decidimos fazer na força dele.

Desse modo, fui conduzido ao que era, para mim, uma nova compreensão radical em relação à vontade de Deus, a saber, que *a vontade de Deus para nossas vidas pode incluir o fracasso*. Em outras palavras, a vontade de Deus pode ser o fracasso, e ele pode conduzir você ao fracasso! Isso ocorre porque há coisas que Deus tem de ensiná-lo através do fracasso, coisas que ele nunca poderia lhe ensinar através do sucesso.

Em meu próprio caso, o fracasso em meus exames de doutorado me forçou a ver as prioridades da vida numa nova perspectiva. Quando voltamos para a casa no Natal, dei a notícia a meus pais de que tinha fracassado em meu exame oral e não tinha recebido o grau de doutor. Para o meu espanto, minha mãe retorquiu: “Que importa?” Fiquei atordoado! Para mim, parecia a catástrofe da vida, mas ela apenas deu de ombros como se aquilo não fosse importante. Começou a despertar em mim um sentimento de que, em certo sentido, aquilo realmente não era importante, que há coisas na vida que são muito mais importantes do que doutorados, publicações e fama acadêmica. No final, eram os relacionamentos humanos que importavam — especialmente os relacionamentos familiares.

Veio à minha mente a lembrança de um cientista, divorciado há muitos anos, que havia encontrado na Alemanha. O que aquele homem queria de todo o coração era voltar para sua esposa e para seu filhinho. “Quando me casei”, ele nos tinha dito, “gastei todo o meu tempo no laboratório. Tudo o que podia pensar era a respeito de minha pesquisa e excluía todas as outras coisas”. A pesquisa parecia tão importante para ele, àquela altura. Mas agora ele sabia que não era. “Fui um tolo”, ele disse. Assim, agora, também percebia novamente as bênçãos que tinha numa esposa fiel que tinha se sacrificado e trabalhado comigo todos aqueles anos que estive na escola, e nos meus amáveis pais que me aceitaram incondicionalmente justamente porque era filho deles. Aquele Natal marcou o começo de um novo relacionamento com minha família. Jan e eu viemos a conhecê-los não meramente como pais, mas como amigos.

Veja só, tinha fracassado em entender o que o verdadeiro sucesso realmente é. O verdadeiro sucesso não é a aquisição de riquezas, poder ou fama. O verdadeiro sucesso repousa na esfera do espiritual ou, para ser mais específico, repousa no fato de conhecer Deus melhor. J. I. Packer expressa seu pensamento sucintamente em seu livro *O conhecimento de Deus*:

Atingimos o ponto onde podemos e devemos estabelecer as prioridades de nossa vida. Através das atuais publicações cristãs, você pode pensar que a coisa mais importante no mundo para qualquer cristão real ou em potencial é a união da igreja, ou testemunho social, ou o diálogo com outros cristãos e outras crenças, ou refutar este ou aquele “ismo”, ou desenvolver uma filosofia e uma cultura cristãs, ou qualquer outra coisa que você queira. Mas o curso de nosso estudo faz com que a concentração dos dias presentes nessas ideias pareça como uma conspiração gigantesca no que diz respeito à falta de direção. É claro que não é isso; os assuntos são reais em si e devem ser

tratados nos seus devidos lugares. Mas é trágico que, ao prestar atenção neles, muitas pessoas hoje em dia se desviem do que era, é, e sempre será a mais alta prioridade para cada ser humano, a saber, aprender a conhecer a Deus em Cristo. [2]

Quando, a princípio, li essa afirmação, fiquei espantado: “Refutar este ou aquele ‘ismo’ ou desenvolver uma filosofia cristã”. Essa era exatamente o tipo de coisa que importava em minha vida! Todavia, isso não era o mais importante. Alguém poderia ter sucesso nisso e, no entanto, à vista de Deus, ainda ser um fracasso.

Isso me traz à mente um pensamento que assombrou Lutzer num momento em que se via muito envolvido com o pastorado: *Você pode não estar realizando tanto quanto você pensa que está*. Podemos fazer muitas coisas para o Senhor, mas, mesmo assim, ainda podemos fracassar em ser o tipo de pessoa que Deus deseja que sejamos. Na verdade, meu maior temor é que eu esteja, algum dia, perante o Senhor, e veja todas as minhas obras subirem numa fumaça como sendo “madeira, feno ou palha” (ver 1Co 3.12). Afinal de contas, o que Jesus disse? “Mas muitos dos primeiros serão últimos; e os últimos serão os primeiros” (Mt 19.30). Em última análise, o importante não é o sucesso aos olhos do mundo, mas o sucesso aos olhos do Senhor.

Ora, isso é tanto encorajador como incriminador. Por um lado, é encorajador porque, ainda que fracássemos, o nosso fracasso pode ser a melhor parte do sucesso aos olhos do Senhor. Tenho pressentimento de que Deus não está tão interessado com o que vamos sofrer, mas em como vamos sofrer. Embora possamos fracassar na tarefa em que estamos empenhados, se respondermos ao fracasso com fé, coragem e dependência na força do Senhor, antes que com desespero, amargura e depressão, somos vistos como sucesso à vista dele.

Por outro lado, é incriminador porque podemos pensar que temos realizado muito quando realmente temos feito tão pouco ou quase nada à vista do Senhor. O apóstolo Paulo reconheceu que ele poderia ser um teólogo brilhante e dotado, aquele que viveu na pobreza por causa de sua generosidade e que foi até martirizado por pregar o evangelho, mas ainda assim, se lhe faltasse amor, não seria nada à vista de Deus (1Co 13.1-3). Afinal, o verdadeiro sucesso é encontrado no amor a Deus e ao próximo.

Bem, qual aplicação prática que tudo isso tem para as nossas vidas? Dois pontos podem ser colocados.

1. Precisamos aprender com nossos fracassos. Quando fracassamos, não devemos adotar a atitude que a raposa da fábula de Esopo teve qualificando as uvas como azedas. Ao contrário, deveríamos analisar o nosso fracasso para ver que lição podemos aprender dele. Isso não significa tentar descobrir por que Deus permitiu que tal coisa acontecesse. Em muitos casos, nunca saberemos a razão. Muitos cristãos caem no que Packer chama de “Erro de sinaleira de York”. [3] No pátio de manobras de trem na cidade de Nova York, há uma centro de controle contendo um painel eletrônico que mostra, por meio de luzes, a posição de cada trem no pátio de manobras. Na torre de controle, alguém que vê o painel todo pode entender exatamente por que um trem específico foi colocado num determinado lugar ou por que outro trem ficou num desvio em outro lugar, ainda que, para alguém que fica no mesmo patamar dos trilhos, os movimentos dos trens podem parecer inexplicáveis. O cristão que quer saber por que Deus permite cada fracasso em sua vida tem pedido, diz Packer, para estar na “caixa de sinal” de Deus. Todavia, tanto em tempos bons como maus, não temos acesso a ela. Portanto, é inútil nos torturarmos tentando descobrir a razão pela qual Deus permitiu que este ou aquele desastre abatesse nossas vidas.

Embora nem sempre tenhamos discernimento ou compreensão acerca do desígnio providencial de Deus, podemos ainda aprender com nossos fracassos. Como Lutzer disse, “não é necessário saber por que Deus nos enviou o infortúnio a fim de tirarmos proveito dele”. [4] Pergunte a si mesmo o que você teria feito de forma diferente em determinada situação ou o que você poderia fazer de modo diferente na próxima vez. Pergunte a si mesmo que espécie de reação Deus quer que você tenha, ou que traço do caráter pode ser desenvolvido em você como resultado da derrota. Aprenda a partir de seu fracasso.

Segundo, nunca desanime. Só porque fracassou não significa que tudo acabou para você. Aqui segue o exemplo instrutivo de um homem como Richard Nixon. Ele foi derrotado por uma pequena margem de votos, por John F. Kennedy, na campanha presidencial de 1960. Nixon retornou para o seu estado natal, Califórnia, somente para fracassar novamente em sua tentativa de se eleger como governador do estado. Parecia que sua carreira política tinha terminado. “Você não mais terá o Dick Nixon para judiar”, disse ele irritado para a imprensa. Mas, em silêncio, ele estava lançando o fundamento para a sua volta. Em 1968, ele venceu Hubert Humphrey para a presidência e, em 1972, esmagou o desafiante George McGovern. Então, veio Watergate. Desonrado e enfrentando o *impeachment*, renunciou, de forma vergonhosa, o ofício de presidente. Ninguém, atrevo-me a dizer, jamais esperava ouvir muito dele novamente.

Contudo, poucos anos mais tarde, lá estava ele falando na Universidade de Oxford, debatendo com o sindicato e argumentando sobre questões de política pública. Ele continuou a fazer assim, e poucos anos mais tarde a revista *Newsweek* soltou uma matéria de capa sobre Nixon. Na página frontal da revista, além de sua fotografia, havia uma afirmação simples em letras garrafais amarelas: “Ele está de volta!” Isso resume o fato de que Nixon passou a ser considerado um estadista mais experiente, cujas opiniões sobre política internacional e conselhos políticos inteligentes ainda eram procurados.

Quando pediram a Nixon em Oxford que explicasse o segredo do surpreendente retorno, ele deu este conselho, que faríamos bem em guardar no coração: “Você nunca será vencido quando fracassa. Você será vencido somente quando desistir. Nunca desista. Nunca, nunca, nunca”.

Esse é um bom conselho. Você nunca ficará acabado somente por fracassar. Você estará acabado somente se você desistir. Mas não desista! Com a força de Deus, recolha os cacos de seu fracasso e, tendo aprendido com ele, prossiga.

Isso é o que fizemos em nosso caso, e estou contente em dizer que a história teve um final feliz. Nas universidades alemãs, se você fracassa nos exames orais pela primeira vez, você pode fazê-los de novo. Jan e eu sabíamos que tinha de tentar novamente, e nossos amigos nos encorajaram a fazer isso. Assim, após começar a ensinar no seminário Trinity, gastei o ano seguinte todinho me preparando para o *Rigorosum*. Dei duro na prodigiosa obra de três volumes de Harnack, *Dogmengeschichte*, na obra volumosa de Pelikan, *History of the Development of Doctrine* [História do desenvolvimento da doutrina], na obra de Cunliffe-Jones, *History of Christian Doctrine* [História da doutrina cristã], na obra de Loof, *Dogmengeschichte*, dois guias exaustivos sobre a totalidade da Dogmática, preparados para estudantes de universidades alemãs na área de teologia. Também estudei documentos de vários concílios e credos da igreja, fiz leituras dos pais da Igreja e de obras sobre teologia contemporânea, e assim por diante. Nesse meio tempo, o ano já estava por terminar, tinha uma pilha de notas, cerca de trinta centímetros de altura, que tinha praticamente memorizado, e estava preparado para responder às perguntas sobre qualquer área de teologia sistemática — fosse cristologia, antropologia, soteriologia ou qualquer outro *locus* — desde os

primeiros apologistas ao tempo da Idade Média, passando pela Reforma, Iluminismo, e século xx. Estava pronto, mas morrendo de medo.

Quando me dirigi ao escritório de Pannenberg, cada coisa era muito semelhante, como antes. Mas, dessa vez, era diferente. Pannenberg começou com a doutrina da Trindade, iniciando com a doutrina do Logos dos primeiros apologistas. E, para minha alegria (que dificilmente podia esconder!), à medida que o exame continuou a se desenvolver, vi-me pronto a responder a cada pergunta com respostas plenas e acuradas. A única questão na qual tropecei foi sobre a razão pela qual a doutrina da encarnação, ensinada por Hegel, acarretou a morte de Deus — e não me senti tão mal a respeito de falhar nessa resposta! O próprio Pannenberg ficou muito alegre com o meu sucesso e me premiou com um *magna cum laude* no meu exame. Estava flutuando!

Assim, foi uma vitória para o Senhor no final. Entretanto, a vitória não foi apenas passar nos exames. Sem mencionar as lições espirituais que Deus me ensinou, descobri uma verdade sensata. De forma semelhante a muitos outros estudantes americanos, tive uma formação muito superficial no seminário, muito rasa na matéria de história da doutrina cristã. A formação em teologia sistemática que os seminários evangélicos americanos geralmente dão a seus alunos é apenas uma sombra pálida do que os estudantes de universidades alemãs em teologia recebem. Portanto, é de se espantar que a teologia cética alemã lidere no mundo? Como podemos esperar que a teologia evangélica se torne um modelo conducente sem começarmos a treinar nossos alunos com o mesmo rigor e eficácia que caracterizam a instrução teológica na Alemanha? Sem hesitação, posso dizer que, durante aquele ano de intenso estudo, aprendi mais sobre teologia sistemática do que o fiz durante todo o meu período de seminário. Assim, embora nunca queira aliviar minha experiência, posso honestamente dizer que estou feliz por ter fracassado no exame na primeira vez. Foi melhor para mim porque, como resultado daquele fracasso, tornei-me teologicamente melhor equipado para o serviço do Senhor de modo tal que nunca teria sido possível se houvesse passado na primeira vez.

Estou muito feliz por não termos desistido. Imagine se nós tivéssemos jogado a toalha! Digamos que, na humilhação do meu fracasso, eu tivesse perdido a esperança e não tentasse fazer o exame pela segunda vez. As angústias da derrota me teriam atacado cada vez que pensasse no meu fracasso ou abrisse um livro sobre teologia sistemática. Não teria tido aquele ano de estudo intensivo e teria permanecido em meu estado anêmico de conhecimento teológico. Os anos teriam passado, e teria continuamente me feito a seguinte pergunta: *Deveria ter tentado novamente?* Mesmo que tivesse tentado e falhado na segunda vez, ainda teria sido melhor do que ter desistido. Para parafrasear um antigo ditado num contexto diferente: “É melhor ter tentado e falhado do que nunca ter tentado”.

Assim, quando você se encontrar com o fracasso, não desista. Peça a Deus forças para continuar. Ele vai te fortalecer. Na verdade, há um nome bíblico para essa qualidade. Chama-se *perseverança*. Através do fracasso, se você responder de modo correto, Deus pode construir a virtude da perseverança em sua vida.

Portanto, o fracasso na vida de um cristão não deveria nos surpreender. Deus tem coisas importantes para nos ensinar através do fracasso — e o verdadeiro sucesso, o sucesso que conta para a eternidade, consiste em aprender essas lições. Assim, quando você fracassar, não se desespere nem pense que Deus o abandonou; ao contrário, aprenda com seus fracassos e nunca desista. Essa é a fórmula para o sucesso.

- [1]

- Erwin Lutzer, *Failure: the back door to success*. Chicago, Moody, 1975, p. 41,42.
- Erwin Lutzer, *Failure: the back door to success*. Chicago, Moody, 1975, p. 41,42.
- [2]
- J. I. Packer. *Knowing God*. London, Holder & Stoughton, 1973, p. 314 [Publicado em português por Mundo Cristão sob o título *O conhecimento de Deus*].
- J. I. Packer. *Knowing God*. London, Holder & Stoughton, 1973, p. 314 [Publicado em português por Mundo Cristão sob o título *O conhecimento de Deus*].
- [3]
- Ibid., p. 110-111.
- Ibid., p. 110-111.
- [4]
- Lutzer, *Failure*, p. 66.
- Lutzer, *Failure*, p. 66.